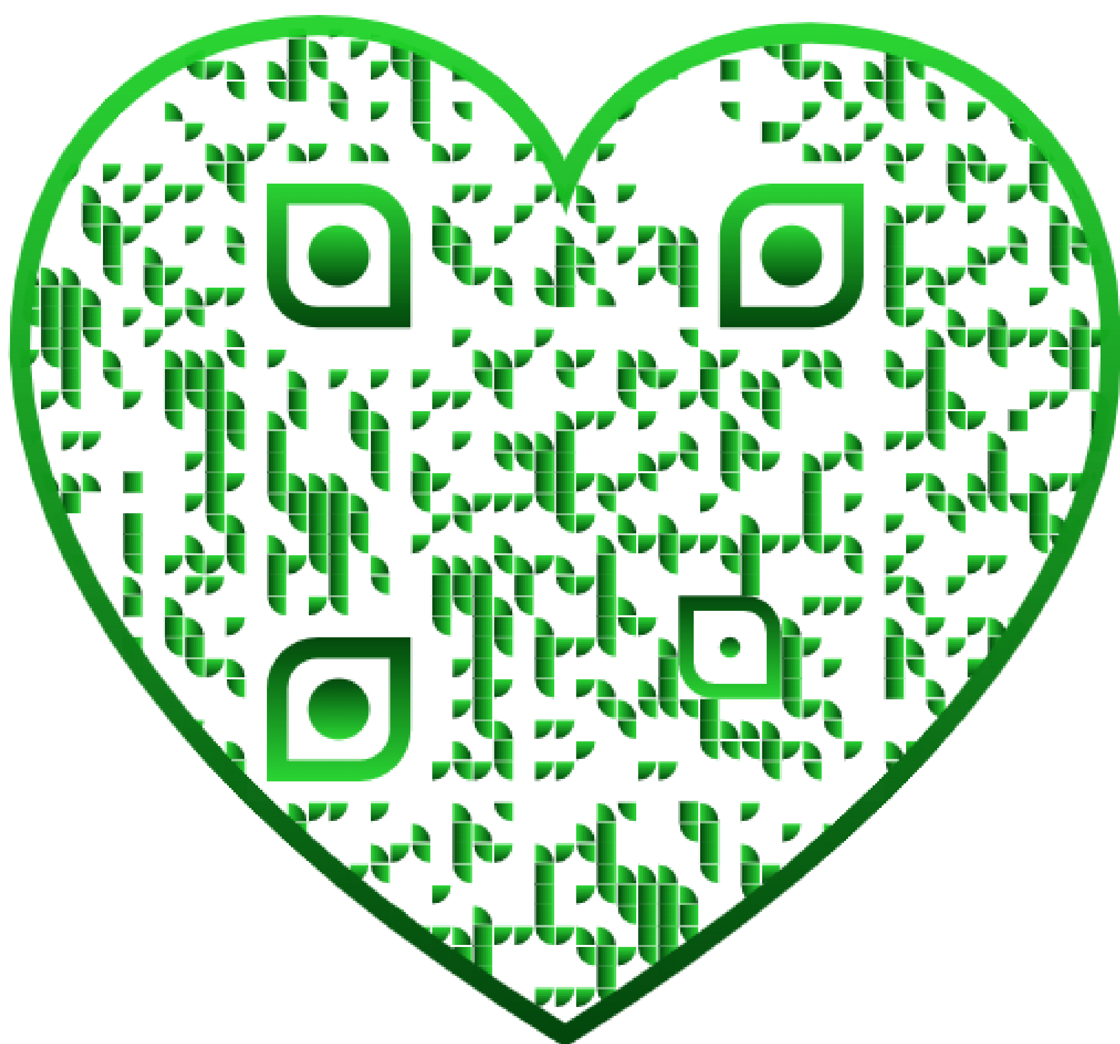
CACHORRO • DE RUA •



José Gomes Pereira

Letraria



CACHORRO

• DE RUA •

JOSÉ GOMES PEREIRA

CACHORRO DE RUA

Araraquara
Letraria
2021

CACHORRO DE RUA

PROJETO EDITORIAL
Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Letraria

CAPA
Vera Jane

REVISÃO
Letraria

PEREIRA, José Gomes. **Cachorro de rua.** Araraquara: Letraria, 2021.

ISBN: 978-65-86562-64-4

1. Literatura brasileira. 2. Poesia.

CDD: B869.1 – Poesia brasileira

O texto aqui publicado é de inteira responsabilidade de seu autor.

Esta obra ou parte dela não pode ser reproduzida por qualquer meio, sem autorização escrita do autor.

CONSELHO EDITORIAL

Adílio Junior de Souza
Josiane Maria Medeiros Augusto
Rosimeire Aparecida Manoel Seixas

Obra dedicada a DEUS, dono de toda
honra, de toda glória e de todo louvor.

AGRADECIMENTOS

Minhas palavras de gratidão a todos os meus queridos leitores. Obrigado pelo prestígio.

Obrigado à artista plástica Vera Jane pelo belíssimo desenho que compõe a capa.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Cachorro de Rua	10
Últimos suspiros de uma Internet mal-intencionada	12
Palavras, silêncios e mistérios	13
A gota e o toró	14
Animais de estimação	16
Criminosos modernos	17
O desatropelamento do silêncio	18
Verbos perigosos	19
Os poderes de uma caneta	20
O vendedor de abraços	22
Livrai-nos do Malamém	23
Criança feliz	24
O grito do cachorro louco	25
Tesouro escondido	26
O banquete da poesia	27
Breve história da humanidade	28
Conselho para contadores de piada	29
Errar ainda é humano	30
Tempos difíceis	31
A cobra e a lagartixa	32
Remédios amargos	33
Oficina de restauração dos sonhos	34
O que o coração não vê	35
Pobre Pedro	36
Sabedoria das rosas	38
De carona é melhor	39
Ideias	40
O ritual do café	41
Biografia não autorizada do colesterol	42
A geração dos robotizados	43
SOBRE O AUTOR	44

PREFÁCIO

“Cachorro de Rua” é uma reunião de textos do autor José Gomes Pereira. Trata-se, na verdade, de uma metáfora transcendente, na qual o beletrista, à moda Manoel de Barros, destrincha os vocábulos no andamento poético e suavemente vai destilando eflúvios filosóficos, num convite cálido ao leitor para trazer reflexões sobre o mundo atual.

A figura simbólica do cachorro se humaniza e o poeta viaja na modernidade estrebuchando o corpo do discurso cibernético numa solene tentativa de decifrar as mensagens. E na verdade, é deveras comovente a sua lucidez, no momento em que o homem se encontra em um labirinto. Talvez sem saída. Daí o seu recurso literário de desnudar as palavras do seu sabor açucarado, colocando o olhar bem ácido, corroendo as impurezas do cotidiano.

José Gomes plasma as suas metáforas com o vigor de quem conhece a força telúrica da poesia. Seus versos são como o maçarico que derrete o metal “numa química indisfarçável em rota de colisão, tudo enfim, resolvido: a tornozeleira eletrônica apaixonou-se pela canelinha”.

O seu humor ácido se dilui na sacrossanta linguagem manoelinadebarros, ganhando novos contornos, que, oxalá, até escapem dos olhares atentos. “Cachorro de Rua” nada mais é do que uma grande metáfora. Parabéns! Leitura boa. Objetivo principal alcançado: cativar o leitor.

Benedito C. G. Lima
Ativista cultural
Membro da Academia Corumbaense de Letras
Membro do Grupo ALEC

CACHORRO DE RUA

Cachorro de rua
Da rua dos pobres
Dos ricos também
Orelhas caídas
Bondade sem fim
Seus olhos quão fitos
Tão donos de mim.

Amigo canino
Sem nada e com tudo
Da guerra e da paz
Do rabo pitoco
Da cara lambida
Irmão quatro patas
Presente da vida.

É filho do gueto
Fiel peregrino
Do dia e da noite
No sol e na chuva
Do pelo lisinho.
Não ralhem com ele
Só pede carinho.

Liberdade soberba
Gratidão e lisura
Prisioneiro da fome
Ladrãozinho de feira
Chicotinho chegando
Vai gritando, coitado
Vira-latas chorando.

Já da surra esquecido
Lambe a dor passageira
Se empodera de forças
Não lhe engana o bom faro
Novo lixo na esquina
Tem comida estragada
Tudo enfim se combina.

É com dores a fome
Uivos, roncos e medos
E uma luta se embate
Vai chegando o socorro
Que o futuro prediz
Numa rua esquecida
Um cãozinho feliz.

ÚLTIMOS SUSPIROS DE UMA INTERNET MAL-INTENCIONADA

Na Rua do Estrupício
Girando só e embriagada
Internet cambaleante
Futuro preguiçoso na rede da vovó.

Estranho corpo internético estrebuchado ao chão
No começo de tudo
Fortunas de *gigabytes*
E belos sorrisos agigantados.

Mas o giga virou mega
E o mega desistiu de ser mega
Apequenou-se
Insignificante e apático.

E no concatenar dos fatos
A exceção virou regra
Acabou a Internet
Acabou o amor.

PALAVRAS, SILÊNCIOS E MISTÉRIOS

Há um mistério contido nas palavras dos poetas
Verdes, adolescentes ou maduras
De repente terão de sair
Resolutas, terão de voltar
Mas nunca mais serão as mesmas
Prefiguram
Desinventam
Mitificam
Ironizam
As palavras são senhoras de seus próprios silêncios
E escravas do rodopiar de suas metáforas
Ei-las vagabundeando por outras bandas
Lazarentas e solitárias, bebem novos saberes.

Acalantam boas ideias
Encorajam mentes ergofóbicas
Encabulam e beatificam conceitos
Desterritorializam fantasmas
Viajam, levam caribéu de matula
Abrem fartas geladeiras
Incorporam nossos melhores sotaques
Despedem-se
Implodem-se
E no estouro espetacular dos pensamentos novos
Surgem poderosas e empoderadas
Para alguns, continuarão sendo apenas palavras
Para outros: uma bela oportunidade para continuar sonhando.

A GOTA E O TORÓ

Ele: forte, bruto, desengonçado
Ela: a delicada bailarina da manhã

Eles não queriam deixar de ser o que eram
Só queriam a completude do que lhes faltava

Ela era amiga da brisa e do canto dos pássaros
Ele era íntimo dos tufões e do barulho dos trovões

Em sua grandeza ele era temido pelos estragos
Em sua beleza ela era admirada pela serenidade

Pelo poder de suas chuvas, ele ganhou a majestade
Pela imponência de sua elegância, ela inaugurou um conceito

Ele se tornou o pai das tempestades e suas fúrias
Ela, a rainha que acolhia pássaros enamorados

Um dia ele quisera ser mais educado
Uma noite ela sonhara ser bem diferente

Do toró ela queria a força
Da gota ele vislumbrava a sentimentalidade

Ela se fez mais próxima e da amizade nasceu a cumplicidade

Ele se deu mais aluno e na humildade cresceram dúvidas e certezas

A educação que ele precisava estava nela
A diferença que ela sonhava estava nele

De repente depararam-se apaixonados
O toró com a gota se casou e ela ficou maiorzinha

Engravidou-se de gotas graúdas e de alguns torozinhos
também
E o poderoso toró aprendia com os filhos nascidos.

A gota aprendeu a ser forte, sem deixar de ser dócil
E o toró descobriu a delicadeza, mas não perdeu a robustez.

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Primeiro chegou o leão federal
Uau!!!
Devorou tudo o que viu pela frente
Depois veio o gato estadual
Miau!!!
Rasgou, mordeu, comeu, dormiu
Mais tarde, eis o rato municipal
Que teve sua dentadura roubada e estragou a rima!
Mas não deixou de pedir comissão.

CRIMINOSOS MODERNOS

Um cheque sustado
Um bolso assustado
Um riso, um grito e dois medos
Cuidado que a Polícia vem aí.

Numa química indisfarçável
Em rota de colisão
Tudo enfim, resolvido:
A tornozeleira eletrônica apaixonou-se pela canelinha.

O DESATROPELAMENTO DO SILÊNCIO

Quem há de conter
Palavras efervescentes em debates?
O transbordar de decibéis das caixas potentes?
Quem controlará
Vizinhos com seus gritos acervejados?
O assanhamento dos gatos nos telhados?
Rua bagunceira, quarto filosófico.
- É preciso desatropelar o silêncio.

De repente, a serenidade assentou-se no trono
É dona da coroa a Poesia
Seu cetro: o fogo dominando um livro
Seu súdito: uma mente dominando o fogo
Cadê os indisciplinados barulhentos?
Esses não têm mais jeito
Mas a concentração, para quem se serve dela
Ei-la inderrubável.

VERBOS PERIGOSOS

Nascer
Crescer
Sonhar
Despertar do sonho
Trabalhar
Persistir
Acreditar
Duvidar
Viver desconfiado
Não conseguir mais dormir
Ter medo da própria sombra
Perder tudo
Chorar
Aprender
Reconquistar
Voltar a crescer
Nutrir desejos
Planejar tanta coisa
E não acordar mais no dia seguinte:
É duro, mas a ansiedade desencaminha o homem.

OS PODERES DE UMA CANETA

Nascer caneta não é fácil
Mas uma caneta que se preze
Deixa suas marcas
Para bem ou para mal.
Caneta bendita
Lúcida
Companheira
Amiga caneta
Ríspida
Trágica
Faminta
Maldita caneta
Azul e vermelha
Alegre e triste
Do pobre e do rico
Do dramaturgo e do dono da venda
Em mãos de crianças
Que aprendem
Lições e valores
Da vida.

Escreve
Escorrega gostoso
Nos dedos jeitosos
De um habilidoso escritor.
Demanda
Controla
Participa de mudanças de vida
Assina testamentos
Casamentos
E divórcios também.
Cartas precatórias

Habeas corpus
Mandados de prisão
Receitas médicas
Aprovação de *impeachment*
Declaração de posse
De pai para filho
Caneta de ouro
Caneta furtada
Que tristeza!

Mas uma caneta bem resolvida
É uma caneta feliz
Aponta sempre para o norte
Não tem medo da morte
É da cor que seu dono quiser
Democrática
Prestimosa
Sentimental
Gosta de assinar tratados de paz
Derrama sua tinta lacrimal
Nas confissões de amor.
No desabrochar dionisíaco:
Festiva e alucinógena.
No equilíbrio apolíneo:
Sensata e reflexiva.
Importada ou nacional
Da polícia ou do bandido
Do pateta ou do poeta
É bem-vinda o tempo todo
É caneta, uma vaidade.

O VENDEDOR DE ABRAÇOS

Lá vai o vendedor de abraços
Empático e afônico
Seu sorriso apresentando
Indulgente e peregrino.

Da criança ou do idoso
Na fartura ou na pobreza
Na partida ou na chegada
Todo dia é dia de abraçar.

Carinhoso, brasileiro
Terrivelmente nosso
Ultrapassa fronteiras
Patrimônio da humanidade.

- Quero um abraço poderoso
Verdadeiro e quente-doce
Diz o belo felizardo
Elevada a sua fé.

Mesmo dura seja a vida
Aconselha aos abraçados:
O pagamento por um bom abraço
É outro mais gostoso ainda.

Para alguns, nefelibata
Para outros: passarinho apagando incêndio
De repente, multidões: os voluntários
E o mundo se viu abraçado e abraçando.

LIVRAI-NOS DO MALAMÉM

De joelhos vou lutando
Doce fé me levantando
Um aviso ao Malamém
Não vem, não, que hoje tem!

CRIANÇA FELIZ

Da alma infantil um picadeiro
Que da intimidade de cada brincadeira
Libera na atmosfera pesada
A graça, a leveza, o riso prisioneiro.

Quem a uma criança conta piadas
Dez anos ganha de felicidade
Gargalhada infantil é coisa doce
Bendito seja o profissional das risadas.

É de chocolate e não se explica
O sabor de sua felicidade
O palhaço de cada criança é despertado
Pula, canta, imita e se multiplica.

Cabelo de milho, sujinho de giz
Banguela ridente, dentinho de leite
Infante brincando, palhaço suando
Que festa bacana, criança feliz!

O GRITO DO CACHORRO LOUCO

Todos os vizinhos diziam:
Cuidado com o Cachorro Louco
Ele é terrível, não é de confiança
Morde e depois avisa.

Mas um dia Cachorro Louco gritou:
- Desenlouqueci, meus amigos
No passado um ser raivoso
Agora um cão bonzinho.

Ledo engano, pobre gente
Foram dando boas-vindas
Churrasquinho e um bom sambinha
Foi chegando até o prefeito.

De repente, estoura a crise
Doido à vista, sai da frente
Polvorosa, quem diria
Não sobrou uma alma viva.

TESOURO ESCONDIDO

Procurava, de longa data
O povo de uma ilha
Por um tesouro encantado.

Um dia, em seu afã
Eis o achado, que maravilha!
Abriram, muita cautela.

Verificado o conteúdo
Não era ouro, não eram joias
Nem relíquias antepassadas.

Era um livro e bem pesado
Esconderam o tesouro de volta
Ninguém sabia ler nem escrever.

O BANQUETE DA POESIA

João Gabriel só comia pastel
Um dia provou churrasco de poesia
Uma picanha suculenta de literatura brasileira
Um contrafilé ao ponto de literatura portuguesa
Com direito a repetir quantas vezes quisesse
Depois disso, a barraquinha de pastel levou prejuízo
Mas João Gabriel nunca mais foi o mesmo.

BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE

O soldado de cá disse para o soldado de lá:
- Eu finjo que ataco e você finge que defende.
Combinado e executado.

Em seguida, com desejos bélicos inconfessáveis
O soldado de lá disse para o soldado de cá:
- Eu finjo que atiro e você finge que morre.

- Estou com vontade de matar
E você, com vontade de morrer
Vai dar certinho!

Esqueceram de avisar aos dois quartéis:
Era guerra de mentirinha.
E assim começou uma guerra mundial.

CONSELHO PARA CONTADORES DE PIADA

Evite contar uma piada para uma hiena
Quase sempre ri antes de você terminar
Se ela insistir, peça para colaborar
Então conte
Mas convide alguns leões
Só para impor respeito.
Uma piada mal contada
A culpa é do contador
Uma piada não entendida
A culpa é do entendedor
Uma piada interrompida
É uma das maiores tragédias da humanidade.

ERRAR AINDA É HUMANO

Com a linha reta aprendemos que nem tudo é exato
Com a linha curva, que nem tudo é subjetivo
O ponto fora da curva ensinou que exceções existem
A curva fora do ponto, que a probabilidade é científica
Isso se repete todos os dias
Cada acerto científico foi gerado de uma confabulação de incertezas
Os teoremas nos imitam
As teorias nos evocam.
Aos pensamentos contumazes de mentes privilegiadas
A utopia da inerrância é um quase que incomoda
Enquanto o papel de uma borracha é filosófico e restaurador:
Inaugura a categoria do semiperfeito
Amolece o soberbo coração dos convencidos
Ela apaga conceitos ultrapassados
Nossos erros mais primitivos
Mas não apaga memórias.
Lá surge um desenho diferente
De repente uma nova fórmula.
Inevitável pergunta se faz:
E a borracha, finalmente, descansará?

TEMPOS DIFÍCEIS

Covid-19
Para mim
Para ti
Para ele
Para ela
Para nós
Para vós
Para nossos avós
For all
Para todos
Parem todos
Todos parados
Paralisados.
E o último que sair:
Ao invés de desligar a lâmpada
Presenteie-nos com boas notícias.

A COBRA E A LAGARTIXA

- Sua desacostelada! – gritou a lagartixa para a cobra
- Muito bonita sua costela, comadre! – revidou a injuriada.
Quando o córrego revelou em seus espelhos
Quão salobra realidade as igualava
A lagartixa foi comida pela cobra
E a cobra morreu com a barriga inchada.

REMÉDIOS AMARGOS

Na tutela que atende por teu desafio
Segura teu sonho, não deixes que voe
Mas se voar, lembra-te, cordato
Que a natureza é autodidata.

A previsibilidade é caudalosa como um rio gordo
E se encontrares teu sonho andarilho e indiferente
Apodera-te deste nobre ensinamento:
Os rios têm curvas, a vida também.

Na beleza de um novo sol se engravidando a cada manhã
Renova tua fé e acorda mais cedo
Remédios amargos têm poucos amigos
Contudo, são excelentes em seus efeitos.

OFICINA DE RESTAURAÇÃO DOS SONHOS

Aqui todo sonho é bem-vindo:
O belo, o inusitado e o desenganado.
Restauramos palavras e os sonhos nelas contidos
Funilaria e pintura completa de metáforas
Desamassamos sentimentos
Descarbonizamos sua máquina onírica
Limpamos válvulas psicológicas entupidas
Drenamos esperança na rebimboca da parafuseta
Motores destruídos serão muito bem tratados
Estabilizaremos o desempenho da vontade própria
O motor de arranque terá a velocidade do pensamento
Carburadores vão aprender a dizer sim, não e talvez
Catalisadores serão belos pais de família
Banho de encorajamento gratuito
Montamos, desmontamos e remontamos
Só não temos o juízo muito certo
Venha agendar uma avaliação
Cobrimos qualquer oferta.

O QUE O CORAÇÃO NÃO VÊ

A gordura acabou, meu bem
Acordemos mais cedo
Sem preguiça
No limiar da justiça
Salário insípido, mas que não fala mal de ninguém.

É tempo de vacas magras!
Com olhos vendados
O coração vai sendo enganado
No fundo ele se autopermite
É um totalitário de si mesmo.

Por quanto tempo resistirá?
O que será do homem?
E do bicho que espreita o homem?
Quem puder, abra os olhos,
Que ainda é de graça.

POBRE PEDRO

Pobre do Pedro
Bolso de ouro
Alma em retalhos
Segue sem medo
Foge do engodo
Sabe das coisas
Indecifrável
Testa franzida
Chão recatado
Mestre rueiro
Cadê sua rua?
Homem caseiro
Virou prisioneiro
Estado de sítio
Viver é um mistério.

Seu carro limpinho
A moto brilhando
Jaqueta de couro
Lembranças urbanas.
Saudade das festas
Amigos nas fotos
Família engessada
Abraços-fantasmas
Crianças correndo
Cachorros latindo
Memórias que ficam.
Seu pote de barro
Seu riso forçado
Radinho de pilha
Seu time perdendo.

Agora sozinho
Um Pedro agachado
Calado e soturno
Aprende chorando
Um vírus terrível
Quebrou feito vidro
O orgulho dos homens.
Feliz e sincero
E sem gambiarra
Aprende a ser grato
Um dia, quem sabe
Seu autorretrato
Fiel e maduro
Que mostre sua face
Sem pompa e disfarce.

SABEDORIA DAS ROSAS

Aprendamos com a sabedoria das rosas
Mostram-se úteis até depois da morte
Acolhem cores, dores e sortilégios
Enfrentam tempestades, esperam o tempo amigo
A imponência de sua beleza é trono de nobre majestade
O histórico de seus martírios? Só as rosas o sabem
Quando precisam ser dóceis, são invencíveis
Quando precisam ser belas, são incomparáveis
Na glória de seu perfume, atingem a alma
Na tecitura de suas pétalas, a perfeição: mero detalhe
Mas a dignidade de tocá-las é para poucos
Cuidado: as rosas também sabem ser desconfiadas!

DE CARONA É MELHOR

O litro do petróleo
Quem segura?
Preciso de um amigo
Bem bacana
Não seja mercenário
Nem sovina
Não me cobre honorário
Dura sina
Me leve de mansinho
De carona
Ajude a este pobre
E Deus lhe pague.

IDEIAS

Ideias benditas
Benditas ideias
Que venham mais delas
Não somos pensantes?
Públicas ou particulares
Da parte ou do todo
De dentro ou de fora.
Agora fresquinhas
Juízo perfeito
Bem articuladas
Científicas
Analíticas
Desconfiadas
E ainda no feminino.
Pensar é preciso
Ideias humanas
Conceitos despidos
De almas armadas
De mentes brilhantes
Falemos, mas pouco
Ouçamos em dobro
Saiamos do ócio
Leiamos, meu povo
E ao fervilhar dos pensamentos
A melhor ideia prevalecerá.

O RITUAL DO CAFÉ

Café, bem cedinho
Desperta quem dorme
Bebida bendita
Reúne famílias
Reparte salários
Torrado e moído
Aroma marcante
Congrega
Conforta
E deixa saudades.

Quem chega atrasado
Que fique com a rala
Amigos, parentes
Partidas, chegadas
Viagens, trabalhos
Infância passada
Do pobre ou do rico
Doutor ou matuto
Não há quem dispense
E os lábios queimando.

Mineiro ou paulista
Mais forte ou mais fraco
E seja o que for
No fim de semana
Visita lá em casa
De dia ou de tarde
À noite ou no sono
É regra e não falte
Um pouco de ti
Bebida sagrada.

BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA DO COLESTEROL

Mãozinha no peito
Infarto suspeito
Certeiros, vorazes
A dizer, já correis:
Do colesterol é a culpa.

Quedava-me no meu cantinho
Sossegado e resoluto
Fostes vós que me buscastes
Prosseguia em meu caminho
Em me seguir foi vosso o zelo.

Amáveis a gordura e seus derivados
Torresminho
Churrasquinho
Frituras de todo tipo
Gordura hidrogenada
E academia: nada.

Por amardes tanto e em desmedido apreço
Sabores do passado, um dia chega a conta
Eis-me agora nos corações, os vossos
Porque recíprocos foram de amor os votos.

A GERAÇÃO DOS ROBOTIZADOS

Vejo mentes resilientes que se esparramam
Em vozes quase solitárias de resistência
Brigam pelo despertar de uma nova humanidade
Sabem discutir, ouvir, respeitar e se calar
Acreditam que o conhecimento despetrifica o homem.

Também vejo mentes preguiçosas que se multiplicam
Em barulhos de nulidade e incoerência
Não brigam por nada
Não acreditam em nada
E seguem insoltavelmente dominadas.

A geração dos robotizados não gosta de ler
Pensar tornou-se uma angústia terceirizada
Interpretar virou o pior dos pesadelos
E assim prossegue essa triste gente humana
Massificada, desacreditada e carregada pelos outros.

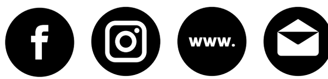
SOBRE O AUTOR



José Gomes Pereira é professor de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa na Rede Municipal de Educação de Corumbá-MS. Leciona na Escola Municipal "Dr. Cássio Leite de Barros" e também na Escola Municipal "Clio Proença". É mestre em Letras pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) e estudante de doutorado pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). É membro e presbítero da Igreja Presbiteriana Betânia em Corumbá. Aprecia desde a meninice a literatura de um modo geral, os escritores locais, bem como as demais manifestações culturais do povo brasileiro. Em 2020, publicou o livro *Brocotozá de incertezas,* que tem versão digital (*e-book*) gratuita e versão impressa disponível à venda diretamente com o autor.

Publique seu e-book com a gente!





CACHORRO
• DE RUA •

Letraria®